

PERSONAGENS DESPEDAÇADOS: O TRAUMA EM *A DESUMANIZAÇÃO*, DE VALTER HUGO MÃE

SHATTERED CHARACTERS: THE TRAUMA IN *A DESUMANIZAÇÃO* BY VALTER HUGO MÃE

Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira¹
Ariane Ávila Neto de Farias²
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

RESUMO

O presente artigo propõe-se a discutir os acontecimentos traumáticos do passado como marcas significativas no desenvolvimento da subjetividade das personagens Einar e Halla do romance do escritor português, Valter Hugo Mãe, *A desumanização* (2017). A perda da irmã gêmea desencadeia um sentimento de tristeza e melancolia em Halla. O passado nebuloso de Einar, que não consegue lembrar o trauma que o assombra, o coloca em um movimento constante de busca pela rememoração de seu passado, de suas memórias. O ato de narrar, para a história de Einar, representará a sua libertação do passado. Ademais, o sentimento de não pertencimento à Islândia trabalha como elemento de união das duas mencionadas personagens esfaceladas pelos eventos traumáticos, abrindo espaço para uma relação importante no movimento de libertação final tanto de Halla quanto de Einar. Isto posto, refletiremos acerca das marcas do trauma nas personagens mencionadas a partir dos teóricos Maurice Halbwachs (2006), Márcio Seligmann-Silva (2003) e Paul Ricoeur (2007).

PALAVRAS-CHAVE: trauma; tristeza; melancolia.

ABSTRACT: The present paper aims to discuss the traumatic events of the past as a significant trace in the development of the subjectivity of the characters Einar and Halla of the novel of the Portuguese writer, Valter Hugo Mãe, *A desumanização* (2017). The loss of the twin sister triggers a feeling of sadness and melancholy in Halla. Einar's nebulous past, that cannot remember the trauma that haunts him, puts him in a constant search for remembrance of his past, his memories. The act of narrating, to Einar's narrative, will represent his freedom from past. In addition, the feeling of not belonging to Iceland works as an element of union of two mentioned characters smashed by the traumatic events, unlocking the space for an important relation in the final liberation movement of both characters, Halla and Einar. Thus, to reflect on trauma marks, this paper will take into account important theoretical contributions from Maurice Halbwachs (2006), Márcio Seligmann-Silva (2003) and Paul Ricoeur (2007).

KEYWORDS: trauma; sadness; melancholy.

INTRODUÇÃO

Discussões relativas ao trauma estão se fazendo cada vez mais presentes nos estudos da literatura uma vez que vivemos em uma sociedade que tem um passado marcado por guerras e violência. Consequente aos crescentes estudos acerca de noções sobre o trauma, a ação de narrar

¹ Doutoranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e bolsista Capes. E-mail: ortiz.greice@gmail.com

² Doutoranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), técnica em educação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e bolsista Capes. E-mail: arianeaneto@hotmail.com

passa a ocupar espaço de destaque quando se pensa na (re)construção dos eventos e seus sujeitos esfacelados. Sobre o tema, o teórico Márcio Seligmann-Silva (2008) pontua que vivemos em uma época repleta de indivíduos que carregam marcas de diferentes eventos traumáticos, que sofrem com as cicatrizes de um passado de catástrofes históricas. São esses os sujeitos que têm a árdua tarefa de narrar os impactos deixados pelo caos, de clarificar cada “fragmento do Real no campo coletivo da linguagem” (KEHL, 2014, p. 16), diluindo sua dor individual e dividindo-a com o coletivo. Entretanto, faz também importante pontuar o poder bloqueador que o trauma carrega, dificultando ainda mais o processo de contar o sofrimento e de superar dores. Nessa jornada, a capacidade de uso da linguagem para descrição do vivido é ação de grande trabalho e coragem.

Tais apontamentos nos levam, assim, a uma discussão de questões referentes ao testemunho. A relação entre este e os debates sobre o trauma é direta ao se perceber que um sujeito traumatizado sente necessidade de falar, de contar. Em oposição ao afirmado por Adorno de que não existe possibilidade de se produzir poesia depois de Auschwitz, o trauma não parou de resultar nos mais diversos formatos de testemunho. Seguindo essa lógica, Seligmann-Silva (2003) é um dos teóricos que destaca esse desejo de falar e de ser ouvido do sujeito marcado pela memória e experiência de sofrimento. O teórico ainda afirma que a literatura do testemunho se articula entre a necessidade de narrar a experiência e a percepção da insuficiência da linguagem diante dos fatos, pontuando, assim, que o narrar os acontecimentos não se faz tarefa fácil.

É a dificuldade de assimilar os eventos do passado que faz com que o indivíduo não consiga compreender plenamente os fatos ocorridos, tampouco expressá-los naturalmente, afirma Aleida Assmann (2011) ao olhar para o trauma como um corpo estranho não assimilável, colocando-o como a impossibilidade da narração. Na esteira dos apontamentos de Assmann, Gagnebin (2006) discorre acerca da memória traumática, conceituando o trauma como a “[...] ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular, sob a forma de palavra, pelo sujeito” (GAGNEBIN, 2006, p. 110). Compreende-se pelo exposto que as sequelas do passado podem ser tão intensas que acarretam na dificuldade de compreensão dos fatos transcorridos, trazendo como resultado uma diversidade de reflexos no presente desses sujeitos.

Nesse sentido, ao percebermos a construção das personagens da obra *A desumanização* (2017), do autor português Valter Hugo Mãe, como um peculiar trabalho de apresentação de personagens que carregam reminiscências do passado na narrativa de seu presente, neste trabalho, olharemos para as personagens Halla e Einar e suas feridas abertas que influenciam e montam um presente sofrido para ambos.

1. Um passado marcado por perdas

No mencionado livro de Mãe temos acesso à voz de Halla, narradora de sua história. É ela que vai nos levar por um caminho tortuoso de perdas, de aproximações e distanciamentos, a forma como é vista pelos membros de sua comunidade e as relações que mantém com as pessoas ao seu redor. É a menina de apenas 12 anos que irá contar a brusca transformação que sua vida sofre após a morte de sua irmã gêmea, Sigridur, que é descrita nas primeiras linhas da narrativa:

Foram-me dizer que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terra. A morte das crianças é assim, disse a minha mãe. O meu pai, revoltado, achava que teria sido melhor haverem-na deitado à boca de deus. Quando começou a chover, as nossas pessoas arredadas para cada lado, ainda vi como ficou ali sozinho. Pensei que ele escavaria tudo de novo com as próprias mãos e andaria montanha acima até o fosso medonho, carregando o corpo desligado da minha irmã. Éramos gêmeas. Crianças espelho. Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte. (MÃE, 2017, p. 17)

A descrição do sepultamento da irmã gêmea revela que a vida da família fica despedaçada após tamanha perda. O desespero do pai é tão grande que deixa transparecer sua vontade de escavar a terra para dar outro destino ao corpo da filha. Além disso, também é possível perceber que o laço que unia Sigridur e Halla era inabalável, uma vez que elas eram “crianças espelho”, ou seja, tudo o que lhes ocorria acabava refletindo na vida da outra, como foi a morte de Sigridur que fez com que Halla ficasse com o sentimento de que “[...] talvez a criança morta tivesse prosseguido no meu corpo” (MÃE, 2017, p. 17). Sendo assim, a gêmea tinha a responsabilidade de carregar a imagem de sua irmã e de representá-la dentro de sua comunidade, que tem grande impacto em sua vida.

Ademais, na narrativa ainda temos acesso à descrição do poder que seu lugar, a Islândia, exerce sobre ela. Pela linguagem poética e elaborada de Valter Hugo Mãe, conhecemos um lugar de tristeza e sufocamento, uma Islândia que ganha traços divinos, significativos para a compreensão do estado das personagens que a compõe:

Para a solidão, era fundamental perceber o quanto da Islândia era entidade, coisa de ver e pensar, dotada de memória e a planejar quietamente o futuro. [...] ando a pensar que deus não reparou que aqui estamos ou nos mandou para aqui exatamente para não ter de reparar. Não há como aceder ao seu mapa. Somos o inóspito das montanhas. Devemos estar ali como um borão negro sob o qual não se percebe nada. (MÃE, 2017, p. 118-119)

Essa solidão que faz com que a Islândia se transforme em entidade está presente na vida da menina que se vê sem o apoio de ninguém para superar seus medos e traumas. É como se não fosse apenas ela esquecida por todos, mas até mesmo o local em que ela estava inserida tivesse sido abandonado até mesmo por Deus que “[...] certamente bocejaria se assistisse ao espetáculo pequenino das nossas vidas. Estaria indubitavelmente olhando para outro lado, para outro lugar.” (MÃE, 2017, p. 118). A forma como o ambiente é descrito faz com que a relação entre esse lugar de tristeza e o sentimento dos que ali vivem seja bastante clara, uma vez que leva a sensação de desamparo. A linguagem usada por Mãe (2017) acaba intensificando essa percepção, visto que o autor se utiliza de uma poeticidade que contribui para um maior entendimento da dor da perda personagem principal, a “irmã menos morta”, a menina que sem Sigridur está pela metade.

Com a ausência da irmã, é a melancolia a companhia de Halla. Sobre o estado melancólico, reflete Sigmund Freud (2010) ao considerar que uma perda sofrida pode levar a esse sentimento que é causado por algo não compreendido por quem sofre e que causa impactos na autoestima do melancólico. A mencionada personagem é circundada, em boa parte narrativa, pela impossibilidade de libertação da imagem de perfeição criada para a irmã morta. Halla constantemente se percebe inferior à de Sigridur, chegando a declarar que:

Eu sobrava. Não tinha o caráter da minha irmã. Percebia isso cada vez melhor. Seguiria-a sempre. Ela, cheia de ideias e inspirações. Eu, oca, uma existência pela rama, a ganhar conteúdo pelo fascínio que ela exercia sobre mim. Não era nada a metade valiosa da nossa vida. Eu era a metade fraca. Teria sido apenas justo que eu morresse em troca dela. Toda maravilha que se queria das crianças estaria contida na Sigridur. Que nunca amaria o Einar. Ficaria empedernida, se fosse preciso, a fabricar um príncipe encantado que a quisesse e que dignificasse a povoação. Ela seria capaz de tudo. O seu sonho concebia tudo e todas as espertezas. O meu era apenas um modo rudimentar de a imitar. Pensei em muitas ocasiões que não éramos gêmeas. Pensei que ela era genuína e eu apenas uma imitação. (MÃE, 2017, p. 126)

Com base na citação, verificamos o sentimento melancólico de Halla que acaba perdendo sua autoestima e se considerando como uma simples cópia incapaz de alcançar o futuro que Sigridur almejava para sua vida. Nas palavras da menina, enquanto sua irmã era cheia de “inspirações, valiosa e genuína” (MÃE, 2017, p. 126), ela era “oca, fraca e rudimentar” (MÃE, 2017, p. 126). Ao se pensar na visível perda de autoestima da personagem, exposta por suas próprias

palavras, mais uma vez nos remetemos aos conceitos cunhados por Freud (2010), que afirma o estado de sentir-se fazia do sujeito melancólico. Portanto, a falta da irmã faz com que Halla, aos poucos, transforme-se em alguém que sofre com a “[...] angústia de um esvaziamento do seu eu (ego), um enfraquecimento do ‘sentimento de si’, e elabora sobre ele próprio um diagnóstico construído na menos-valia, na incapacidade para viver.” (PERES, 2011, p. 115 *apud* FREITAS, 2016, p. 1295). O comportamento da irmã viva reforça a noção da doença do ego, mencionada por Freud a respeito do sujeito melancólico. Ao voltar aos estudos do psicanalista austríaco, o teórico Jacques Hassoun (2002) aponta que,

Por falta de um outro erotizante que promova o intrincamento pulsional, entenderemos que na melancolia ocorre um desligamento pulsional onde deveria ter havido inscrição, ou seja, sem a apresentação psíquica deste objeto total, a operação de perda torna-se impossível, promovendo vazio no Eu. (HASSOUN, 2002, p. 17)

Sobre o mesmo tema, Angélica Catiane da Silva de Freitas (2016), a partir do texto *Luto e melancolia* (1917) de Freud, considera que as diversas perdas de Halla durante a narrativa - do amor da mãe, da inocência, do filho e da identidade - são fatores que contribuíram para o sentimento melancólico da personagem. Freitas (2016) ainda acredita que Halla sofre com um ego vazio e sem sentido imposto pelo seu estado melancólico. Sua vida deixa de ter razão e a personagem não vê motivos para seguir em frente:

Comecei a sentir-me violentamente só. [...] Gostava que pudesse aparar o meu corpo também. Ficar eternamente criança por vontade, nem que desse muito trabalho. Ser sempre assim, igual ao que fora a minha irmã. O único modo de continuarmos gêmeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Peço-te. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã. Vou passar a andar encolhida, dormir apertada, comer menos. Vou sonhar tudo o mesmo ou sonhar menos. Querer o mesmo a vida inteira ou querer menos. Querer o que queria ela. (MÃE, 2017, p. 19-20)

Desvencilhar-se da figura da irmã era tarefa árdua, difícil de ser cumprida. Uma vida sozinha, seria uma vida dolorosa. O estado melancólico da narradora se inicia no momento da perda e se estende por anos devido ao seu medo de seguir em frente, de passar a ter uma imagem diferente de sua gêmea, que a seus olhos lhe parecia mais digna e importante. Ademais, não é apenas a morte que lhe causa dor e intensifica seu estado melancólico, mas também todos os infortúnios que se sucedem em sua existência.

São muitas as pessoas que vão se fazendo ausentes da vida de Halla. Das mais variadas formas, são muitos também, os sentimentos de perda que a personagem vai ter que aprender a conviver, tornando ainda mais difícil o processo de superação do trauma que a envolve. Nessa perspectiva, há uma perda em seu ego característica do sujeito melancólico, uma vez que Freud (2010) afirma que uma parte do ego se coloca em oposição à outra e acaba tomando-a como objeto. Freitas (2016) reflete acerca dos apontamentos do teórico austríaco e considera que:

[...] a relação de ambivalência que o indivíduo mantém com o objeto, no caso da melancolia, faz com que ele não o abandone como no luto. A libido regressa para o ego [...], produzindo uma identificação do sujeito com o objeto de amor perdido. O ego (eu), após essa identificação, revolta-se contra si mesmo, produzindo o sofrimento melancólico, causado por uma insatisfação, um esvaziamento de si, que desencadeia, por sua vez, o autoflagelo psíquico. (FREITAS, 2016, p. 1299)

É o abalo psíquico que, no caso de Halla, faz com que ela se sinta incapaz de superar as feridas deixadas pelo trauma da morte da irmã. Em meio a todos esses sentimentos, a gêmea não encontra na família alguém capaz de ajudá-la a superar suas dores, pois sua mãe sofre por ter

perdido uma filha, além de, de certa forma, culpar a si própria e a Halla pelo ocorrido. O tormento da mãe fica explícito ao longo da narrativa e é descrito pela filha sobrevivente:

Por vezes, a minha mãe sangrava nos pratos. Enquanto os lavava, os cortes dos braços abriam a sujar a água. Não se cuidava. Gostava de ver as gotas escuras a cair na brancura da louça. Não lhe podíamos pedir que se afastasse. Ainda que se pusesse anémica, meio morrendo, era como queria. Vingava-se de si mesmo por não ter sabido salvar uma filha. E eu afastava-me, sempre prometida para a morte. Devias morrer, dizia ela ao deitar. A tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes. Tu podes chegar à morte com tanta facilidade. (MÃE, 2017, p. 47)

A partir do excerto acima, percebemos que a mãe não consegue vencer a dor e até mesmo chega a se torturar por carregar o sentimento de culpa pela morte de Sigridur. Além disso, estende essa culpa a sua outra menina que não poderia seguir a vida, sendo constantemente comparada com a irmã, precisando ouvir que até mesmo sua própria mãe lhe desejava coisas ruins.

A figura do pai também não consegue suprir as necessidades da personagem-narrador, pois ele se faz sujeito passivo marcado também pelo sentimento da melancolia. O pai não possui voz dentro de sua família dilacerada pela perda de Sigridur. A família toda estava esfacelada: “Estávamos todos por semelhante tristeza. Não havia uma palavra para o explicar. Era real e não se pronunciava. O meu pai anuiu. Algumas coisas, como deus, existiam sem nome.” (MÃE, 2017, p. 48).

Além disso, os membros da pequena comunidade retratada na narrativa, denominados “nossas pessoas”, da mesma forma não oferecem auxílio à irmã “menos morta”. Dessa maneira, vemos que a ausência de empatia e auxílio do outro faz com que o sentimento de solidão se intensifique, contribuindo para o amadurecimento precoce da menina. A história narra o período entre os 11 e 13 anos de idade de Halla, período em que há a morte da irmã, o começo da vida sexual, o aborto involuntário e o afastamento dos pais.

Nem mesmo sua gravidez é capaz de tocar aos membros da pequena cidade. Em processo de desumanização, percebemos o afastamento dos sujeitos. A relação com o outro vai perdendo seu importante significado, uma vez que consideramos que é a relação com esse que nos distancia do animalesco e essa relação não se estabelece dentro da comunidade. Nesse sentido, Mãe (2017) sintetiza poeticamente a humanidade:

O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Parece como uma coisa qualquer. (MÃE, 2017, p. 24)

Somente a ligação com o outro é capaz de interromper o processo de desumanização. Todavia, na narrativa de Mãe, não se estabelecem vínculos na comunidade apresentada, fazendo com que Halla se sinta desprezada e não perceba a Islândia como seu local de pertencimento, afirmando sempre a vontade de fugir daquele espaço. Sobre o mesmo tema, a estudiosa Rafaella Cristina Alves Teotônio (2015) considera que a cruel desumanização que a morte de sua gêmea causa à Halla é consequência da crescente individualização dos sujeitos. Em um mundo conhecido pela falta de amor, os homens se fecham em seus próprios mundos. Afirma Teotônio:

[...] Valter Hugo Mãe ambienta sua história na Islândia para encontrar na solidão dos personagens a identidade de uma cultura em que o humano está cada vez mais desumano por ser cada vez mais “civilizado” e contraditoriamente mais individualizado. Para o autor, é a falta de alteridade, no sentido de solidariedade, que atesta a nossa desumanização. (TEOTÔNIO, 2015, p. 147)

Essa individualidade mencionada por Teotônio (2015) leva a indiferença. Halla vivencia isso e o desprezo sofrido faz com que ela busque alguém que seja capaz de compreendê-la e de oferecer amparo. É nesse contexto que a personagem encontra em Einar alguém que lhe dá apoio no processo de perda da irmã gêmea, sendo Einar a representação de um passado apagado e de um sujeito em processo de luto.

2. Passados que não podem ser esquecidos

O resultado de toda a situação de abandono é o seu envolvimento com Einar, alguém que, da mesma forma que ela, como vamos acompanhando no desenrolar da história, tinha experienciado um evento traumático e, como ela, era ignorado por todos da comunidade. Sobre o trauma de Einar, sua origem vai sendo revelada aos poucos na narrativa, uma vez que ele não consegue lembrar o que gerou seu sofrimento. O evento traumático de sua vida, aconteceu quando ele ainda estava em tenra idade. Assim, sem compreender o que de fato havia lhe ocorrido, Einar não supera o seu passado. A dificuldade de assimilação de determinadas experiências se deve ao fato de que na comunidade em que ele estava inserido ninguém falava sobre seu passado, tampouco sobre o que teria acontecido com sua família. Existia, então, um processo de silenciamento que contribuía para o esquecimento de Einar.

O fato da comunidade colaborar para o apagamento de lembranças do menino influenciou na constituição de sua memória, pois essa está intimamente conectada com o coletivo. Maurice Halbwachs (2006) destaca a inter-relação entre memória individual e memória coletiva, pontuando o vínculo do indivíduo com seu grupo social. Halbwachs (2006) considera que existe um vínculo entre a experiência de pertencer a um grupo e o ensino recebido por esse grupo que faz com que a memória individual se constitua a partir de uma coletividade. No caso de Einar, o coletivo contribuiu para o apagamento de suas lembranças, pois as pessoas da comunidade “Estavam acostumadas a calar e o Einar era um segredo de todos, até dele mesmo que, baralhado da cabeça, trocava a sua história com a dos outros, e trocava o medo com o que estava por vir quando o medo dizia respeito ao que já passara.” (MÃE, 2017, p. 167). Ser o segredo de todos era algo que o fazia ser esquecido e desprezado em seu meio.

Portanto, a exclusão a que Einar foi submetido dentro de sua comunidade foi algo que teve grande impacto em suas lembranças. Tal exclusão fica evidente na narrativa, uma vez que ele era menosprezado e tratado como um simples tolo. Aliás, essa era a visão que até mesmo Halla tinha dele antes de seu envolvimento, como percebemos na forma como ela o descrevia quando ainda estava junto da irmã: “O ascoroso Einar que nos destruía tudo. [...] Que era um ogre malcriado com quem nunca teríamos amizade [...] era só um tolo destituído. O Einar era como o interior das baleias. Apenas intuitivo, sem grande instrução.” (MÃE, 2017, p. 31-35).

Era dessa forma que o resto das pessoas que lá viviam também percebiam Einar que, assim como Halla, não contava com a solidariedade dos membros do local. Ao longo da narrativa, os dois acabam se aproximando, encontrando forças um no outro. Os traumas sofridos e o status de segredos da comunidade, os colocam lado a lado quanto a necessidade de superação.

É possível falar em segredos na medida em que aquela sociedade não desejava que as cicatrizes dos traumas de Halla e Einar fossem expostas para pessoas de fora. É por esse motivo que Halla não recebe ajuda nem mesmo quando está com a saúde extremamente debilitada em razão do aborto do filho, pois:

Não havia muito como despachar o meu assunto para fora da nossa povoação. Se me levassem para vila, iam fazer perguntas. A minha idade era toda criminosa para maternidade. A criança grávida, as nossas pessoas assim se referiam, vinha das aberrações quase sempre imaginária dos fiordes. Não podia ser demasiada exposta ou discutida. (MÃE, 2017, p. 97)

Por conseguinte, era como se Halla fosse uma aberração que não pudesse se tornar pública como forma de manutenção do status de equilíbrio daquelas pessoas da comunidade islandesa. O apagamento da irmã gêmea viva se estende a Einar, que não tem família e cujo passado não é discutido nem exposto. Ninguém quis saber o que de fato aconteceu com familiares desse ou entender o porquê de ele morar, desde sua juventude, em um quarto da igreja disponibilizado por Steindór, o homem mais respeitado do lugar, e que mais tarde, ao final da narrativa, vai ser revelado como o assassino do pai de Einar.

A comunidade vai justificar o descaso com a criança que tinha acabado de perder o pai pela necessidade de seus membros preservarem o funcionamento de suas vidas com o objetivo de manter a localidade nos trilhos que sempre estiveram. Aqueles que lá habitam defendem, assim, a importância de se pescar para que não faltassem peixes e por isso “Não tinha espaço para o filho dos outros.” (MÃE, 2017, p. 177), devendo se dedicar a seus deveres e não a tentar ajudar uma criança desamparada. Com o tempo, Einar foi completamente esquecido até mesmo por Steindór que no início tentava iludir o menino com falsos carinhos. Com o passar dos anos, ele não representava nada mais do que um tolo na visão dos moradores do local e “[...] ficara assim apenas porque não pudera guardar a inteligência que o atormentava.” (MÃE, 2017, p. 179).

O trauma de Einar é tão grande que o evento da perda de seu pai acaba sendo apagado de sua memória. Ele sabe, porém, que muito de sua vida foi influenciado por algo grande, que lhe causou sofrimento tremendo, mas sofre com a dificuldade de rememoração do acontecimento. Ao refletirmos sobre os eventos da vida de Einar, é interessante pensarmos nos apontamentos de Paul Ricoeur (2007), dialogando com Freud, acerca do papel da memória. Ricoeur (2007) vai dessa forma afirmar que lembranças individuais são afetadas pela coletividade. Quando uma situação traumática ocorre, o sujeito que sofreu o trauma sente dificuldade em resgatar suas memórias e isso suscita a necessidade de uma superação que só pode ser atingida a partir de um trabalho de memória e de luto que faria o sujeito desligar-se das memórias que o perturbam. Além disso, tanto o indivíduo quanto a coletividade passam por um trabalho de rememoração que é descrito como:

O que uns cultivam com deleite lúgubre e outros evitam com consciência pesada, é a mesma memória repetição. Uns gostam de nela se perder, outros temem ser por ela engolidos. Entretanto, uns e outros sofrem do mesmo *déficit de crítica*. Eles não alcançam o que Freud chamava de trabalho de rememoração (RICOEUR, 2007, p. 93, grifo do original).

Isto posto, percebemos que há impedimentos que se colocam no ato de recordar e que fazem com que a superação do trauma seja uma tarefa complexa. Em decorrência disso, Einar padece por não conseguir lembrar o evento que deu origem ao seu trauma. Ao encontro das considerações sobre os problemas em recordar, Seligmann-Silva (2003) pontua que essa é uma “tarefa árdua e ambígua, pois envolve um confronto constante com [...] a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52).

A ferida aberta fica oculta por muito tempo na vida de Einar, mas não se cura, fazendo com ele tenha consciência de que algo ruim lhe ocorreu no passado. É isso que ele declara quando começa a se aproximar de Halla. As águas termais da pequena cidade islandesa são o marco da proximidade entre as personagens bem como é o lugar onde a história de Einar, mesmo que pela metade, é revelada à Halla:

Mergulhei nas águas quentes. Cheia de complexos de mostrar o corpo nu [...] Eu encolhia o corpo já encolhido e sofria de uma angústia inconfessada [...] o Einar, confuso nestas alturas, procurava organizar um discurso passível de me cativar [...] perguntou-me se andava calada pela tristeza [...] Andava a ver o vazio das coisas. Porque, sem a Sigridur, tudo perdera o conteúdo. Estava oco. Como se ela fosse o dentro de tudo [...] queria

muito que me achasse menos tolo. Tenho uma inteligência caprichosa. Sei coisas, só não sei explicá-las. Como o quê, voltei a perguntar. Como o que sei do passado, mas não consigo me lembrar. Sei que me magoaram, mas não consigo me lembrar. Fizeram-me muito mal, Halla, e quase sei quem foi, mas não me lembro [...] eu acho que o Steindór me fez mal, mas não consigo me lembrar. Só me lembro de ele me fazer bem. Nunca o confessei a ninguém. Tu és a única pessoa do mundo a quem contei isto, juro muito. É um segredo. Eu anuí. (MÃE, 2017, p. 48-51)

As perguntas que Einar faz a Halla nesse momento demonstram que ele era a única pessoa daquela comunidade capaz de perceber o sofrimento da menina que estava se sentindo vazia após a morte da irmã. A sensibilidade e solidariedade que muitos da povoação podiam ter oferecido a Halla vem de alguém capaz de entendê-la porque também sofreu um trauma. Apesar disso, Einar não consegue expressar claramente os acontecimentos de seu passado já que não recorda a origem de seu sofrimento. Nesse sentido, Seligmann-Silva (2003) assinala questões sobre o tema, afirmando que:

A experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre [...] o testemunho seria narração [...] da resistência à compreensão dos mesmos. A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que a uma forma no ato da sua recepção [...] A incapacidade de simbolizar o choque [...] determina a repetição e constante “posterioridade” [...] (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48-49)

Tendo por base as teorias de Freud, Seligmann-Silva (2003) considera que o trauma não pode ser assimilado ao mesmo tempo em que acontece, dessa forma, não sendo a sua narração uma atividade simples. Portanto, é pelo impedimento da recordação que Einar sofre e não se liberta da dor. É com a chegada da tia de Halla, chamada de mulher urso por eles, que a sensação de que algo marcou a vida de Einar no passado fica ainda mais forte: “o Einar sentia-se desconfortável. Começava a suspeitar que conhecia a mulher urso, mas não conseguia lembrar-se com clareza. Quando via o Steindór, o Einar estremecia, ganhava-lhe sempre medo, queria vê-lo morrer. Vinha abraçar-me muito magoado. (MÃE, 2017, p. 139).

Beatriz Sarlo (2007) discute as razões pelas quais rememorar é tão relevante e conclui que não há experiência sem narração. Ademais, para autora, narrar é o ato de libertar a experiência pela comunicação, ajudando também a atualizar o tempo decorrido. É a partir dessa perspectiva, que se compreende a importância de Einar vencer o seu esquecimento para que, então, se faça possível a cura de uma ferida que o prende a um passado de mágoas; é necessário que ele consiga lembrar para entender o que de fato lhe ocorreu. É por meio da união das informações a que o indivíduo traumatizado tem acesso que se pode lembrar de seu passado e averiguar o porquê da dor que ainda se faz presente. Sobre esse tema, Sarlo (2007) ainda pontua que “[...] o retorno ao passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente.” (SARLO, 2007, p. 9). Assim, a lembrança não garante a libertação, mas contribui para que o sujeito possa entender o seu momento atual. Na narrativa de Mãe (2017), é o evento do casamento de Steindór com a tia de Halla que faz com que o passado venha à tona. Nesse ponto da narrativa, Einar vai então, recordar a morte do pai:

O Einar lembrou-se igual a ter sido autorizado a isso [...] Chorava quase descontrolado, pensavam as nossas pessoas que por amor ao noivo. Disse-me lembrar-se bem da minha tia, do que se passara muitos anos antes, e de como haviam subido à boca de Deus. Lembrava-se muito bem. As nossas pessoas calavam muito mais do que poderíamos esperar. Estavam acostumados a calar e o Einar era um segredo de todos, até mesmo dele mesmo que, baralhado da cabeça, trocava a sua história com a dos outros, e trocava o medo com o que estava por vir quando o medo dizia respeito ao que já passara. O Einar recuperou a memória. Chegou-se e disse-me: o Steindór e a tua tia obrigaram o meu pai a morrer à boca de Deus. Não sei o que fazer. Leva-me daqui, por favor. (MÃE, 2017, p. 168-169)

Esse momento revela fatos reminiscentes do passado, expondo os flagelos de Einar e os segredos daquela população, que entendia que a história do menino louco deveria permanecer oculta como manutenção da estabilidade do espaço em que habitam. Desse modo, o instante da recordação evidencia certas marcas do passado que não se apagam facilmente; marcas que são capazes de causar tristezas mesmo que há muito tenham decorrido e mesmo que delas pouco se recorde.

É interessante apontar também que é nesse instante de rememoração que Einar vai dar início ao seu próprio entendimento como sujeito. Até o momento, ele era apenas o louco da comunidade que não deveria ter sua história narrada, entretanto, a descoberta de seu passado o coloca em um novo espaço em sua comunidade. Aquela identidade que era, então, proibida, vai confirmando o seu caráter fluido e múltiplo: Einar que era resultado dos apagamentos que a solidão islandesa o designara, agora é capaz de contar a sua versão da história.

Logo, podemos considerar que a tristeza de Halla e Einar é causada pelos traumas sofridos. Para Halla, a morte da irmã ocasiona o trauma. Para Einar, o momento traumático faz parte de seu passado, mesmo que não consiga assimilar o ocorrido porque sua memória bloqueou o evento. Ademais, percebemos que é a morte que os une, pois Halla perde a irmã e ele, o pai.

Dessa forma, a história de vida de ambos motiva o sofrimento e não deixa brechas para o esquecimento. Em relação a isso, Jaime Ginzburg (2000) considera que “a história pesa sobre nós como um trauma difícil de assimilar, de compreender e de representá-la” (GINZBURG, 2000, p. 3). Nesse sentido, é penoso se livrar dos acontecimentos do passado e isso explica o processo árduo que Halla e Einar atravessam.

Também é importante destacar que a falta de solidariedade enfrentada por ambos colabora para que a libertação do trauma seja custosa. Os personagens acabam sendo oprimidos pelo ambiente em que estão inseridos e pelas pessoas que os cercam. As possibilidades de enfrentamento das tristezas são restritas e a falta de alteridade deixa a luta desfavorável. Ginzburg (2000) afirma que “[a] opressão contribui para a desumanização [e faz com que] as possibilidades de emancipação e de liberdade individual sejam limitadas e questionadas.” (GINZBURG, 2000, p. 3).

A desumanização afeta a vida dos personagens da obra de Mãe (2017) que acabam sofrendo com o cerceamento de liberdade. Halla pensa em fugir a todo instante, mas não consegue porque se vê envolta em um ambiente opressor e ainda precisa lutar com a mãe que não suporta a ideia de que ela deixe de representar a imagem de Sigridur: “ainda tenho muita vontade de fugir, foi o que me ensinou a Sigridur. Que agora eu também entendo o que é ser longe. E ela disse: se fugires, mato-te. Vais estar sempre ao pé da minha mão. O único longe para ti há de ser a morte. Perto da tua irmã.” (MÃE, 2017, p. 47).

Logo, percebemos que o desejo de emancipação por parte de Halla existe, mas os obstáculos a serem enfrentados são inúmeros. São muitos os acontecimentos que vão a prendendo ao espaço da narrativa, a começar pela sua total descrença em si mesma. Fato que vai sendo desconstruído a medida em que a sua história vai sendo desvendada da figura de sua irmã morta. Por outro lado, Einar está completamente imerso na vida que criaram para ele e nem ao menos consegue tentar se desvencilhar das amarras colocadas em seu caminho. É o momento de rememoração que será o responsável por mudanças significativas dentro da narrativa, ocasião que poderia desprender Einar de seu passado, mas que acaba causando mais impacto na vida da gêmea viva do que em sua própria.

A descoberta da origem do trauma de Einar terá uma grande influência sobre Halla, sendo um dos motivos de sua redenção. O véu que esconde os mais impuros segredos daquela comunidade ao ser cortado, liberta a menina de um espaço desumano. Se ele não consegue agir mesmo depois da descoberta do assassinato do pai, a menina cria coragem e decide tomar uma atitude extrema:

Tranquei as portas, encravei as janelas, escorri o óleo pelo chão. Era muito escuro ainda, no meio do escuro, o vento agressivo sem chuva. Tomei um dos poemas do meu pai.

Uma só folha, um poema único, sem cópia, irrepitível. Com ele acendi o fogo à casa bonita de Steindór e ainda vi como as paredes convidaram o lume, tão gulosas. [...] Fugi. As montanhas interdidas pelo inverno, extensas, lentas. Levantada eu sobre a brancura como animal selvagem, avulso, vagando como sem propósito. (MÃE, 2017, p. 182-183)

Assim, Halla consegue fugir e ir à busca de um local que não fosse opressor e pudesse lhe proporcionar a liberdade desejada. No trecho acima, a metáfora da desumanização se dá a partir da comparação do humano com o desumano, processo pelo qual Halla passou ao deixar de ser criança e se tornar adulta. Teotônio (2016) salienta que: “todos são como fiordes, fragmentados por traumas e imersos em suas naturezas, ora selvagens, ora civilizadas.” (TEOTÔNIO, 2016, p. 91) e que “tornar-se adulto é se desvencilhar do **eu** livre e ingênuo da infância, o **eu** selvagem. Mas ao mesmo tempo é desumanizar-se, endurecer. (TEOTÔNIO, 2016, p. 95, grifos do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a narrativa contada pelas linhas de Mãe vai tecendo a história de uma comunidade em processo contínuo de desumanização. O desencontro de uma Islândia, nos recônditos fiordes islandeses, que silencia diante do sofrimento de seus habitantes, que fingem não enxergar a podridão que emerge das atitudes de seus “dignos” indivíduos. Não distante do movimento de solidão das grandes metrópoles, a Islândia trilha também caminhos da melancolia, carregando o peso de seus moradores.

Nessa perspectiva, Halla e Einar também são desumanizados. A primeira, em seu processo de amadurecimento, revela a realidade difícil que provoca o seu encontro com o não humano. Mesmo muito jovem, ela é obrigada a crescer, através de tantas tristezas e perdas em sua vida, deixa para trás toda a sua infância e inocência. Assim, surge um espaço vazio em decorrência dessas perdas. Tal espaço faz com ela passe a se sentir sozinha e a faz perder sua própria identidade. Em meio a tantas mudanças, a menina não percebe nos outros atos de solidariedade, sendo que essa falta de alteridade acaba sendo responsável por sua desumanização. Assim como Halla, Einar também foi uma vítima desse processo tendo que suportar a solidão e a angústia de viver esquecido dentro de uma comunidade que lhe negava qualquer apoio. A importância do outro é evidente na medida em que nossa existência se dá a partir das relações que estabelecemos. Contudo, Einar é rejeitado e tem que suportar um caminho tortuoso do qual não consegue se libertar porque não consegue escapar da maior vulnerabilidade do ser humano: “Queria proteger contra o esquecimento. A maior vulnerabilidade do humano, a contingência de não lembrar e de não ser lembrado” (MÃE, 2017, p. 162). Não ser lembrado implica no não estabelecimento de relações significativas e no afastamento do que nos caracteriza enquanto seres humanos.

Todavia, a relação estabelecida com o Einar faz com que eles encontrem a sensação de amparo, sendo as vivências ao lado dele que colaboram para que Halla fuja e sinta a sensação de um eu distanciado do esquecimento e apagamento vivido na comunidade islandesa. Por fim, consideramos que a redenção de Halla se mostra como a possibilidade de um futuro menos desumano já que existe a possibilidade de que ela finalmente encontre um local de pertencimento, afinal, com a fuga, ela se torna livre da comunidade que não lhe acolheu.

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

FREITAS, Angélica Catiane da Silva. *A desumanização: do luto à melancolia no romance de Valter Hugo Mãe*. Revista **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 45 (3): p. 1291-1302, 2016.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. **Sigmund Freud Obras Completas**. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1917).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, Jaime. Autoritarismo e literatura: a história como trauma. Revista **Vidya** 33, jan./jun. 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006. Tradução de Beatriz Sidou.

HASSOUN, Jacques. **A crueldade melancólica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras: Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Revista **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p.65-82, 2008.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. *A desumanização*: metamorfoses do corpo e a da alma na obra de Valter Hugo Mãe. Revista **Intersemiose**, ano IV, n. 07, jan./jun. 2015.

_____. Os fiordes da literatura: o duplo em *A desumanização* de Valter Hugo Mãe. Revista **Garrafa**, Rio de Janeiro, n. 37, jan./jun 2016, p. 87-97.

Submetido em 09/07/2019

Aceito em 22/07/2019

Publicado em 31/07/2019